



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Faculdade de formação de professores

Luiz Eduardo Lontra Ferreira

**Memórias e narrativas: os trajetos e o cotidiano dos pescadores artesanais da cidade do
Rio de Janeiro**

SÃO GONÇALO

2018

Luiz Eduardo Lontra Ferreira

Luiz Eduardo Lontra Ferreira

Produção social do espaço: os trajetos e o cotidiano dos pescadores artesanais da cidade do Rio de Janeiro

A monografia apresentada é requisito para a conclusão da graduação do curso de licenciatura em Geografia da Universidade de Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: prof.^a Dra. Catia Antonia da Silva

São Gonçalo
2018

Luiz Eduardo Lontra Ferreira

**Memórias e narrativas: os trajetos e o cotidiano dos pescadores artesanais da cidade do
Rio de Janeiro**

A monografia apresentada é requisito
para a conclusão da graduação do curso
de licenciatura em Geografia da
Universidade do Estado do Rio de
Janeiro

Orientadora: Professora doutora Catia Antonia da Silva

Professora UERJ-FFP

Luís de Souza Junior

Mestre em Geografia UERJ-FFP

Professor Doutor Paulo Roberto Raposo Alentejano

Professor UERJ-FFP

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família por ter por ter me apoiado durante todo esse tempo, sem eles eu não chegaria até um curso de nível superior.

Agradecemos ao Núcleo de pesquisa e Extensão: urbano, território e mudanças contemporâneas pelo apoio. Em destaque para Rodrigo, Luis Junior, Pedro, Milaysa e a professora Catia Antonia por ter me ajudado a aprender cada vez mais.

Aproveitamos a oportunidade para agradecer aos pescadores da ilha do Governador e da Pedra de Guaratiba pelo apoio e atenção as nossas entrevistas e aos diversos trabalhos de campo e oficinas.

Gostaria de agradecer também a todos que estudaram junto comigo e a todos os professores que fizeram parte do meu caminho durante o curso.

Agradeço também a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que mesmo com tantas dificuldades conseguiu cumprir o papel de ser fonte de um Ensino superior de qualidade.

Resumo

O espaço geográfico metropolitano do Rio de Janeiro tem vivido intenso processo de transformação que impacta a vida de pescadores, principalmente no meio do século XX (décadas de 40, 50, 60 e 70), na baía de Sepetiba e na baía de Guanabara. Muitas vezes não enxergamos o pescador artesanal como parte do urbano, no estereótipo construído ele sempre vive longe de grandes aglomerações urbanas. Os pescadores artesanais são em geral invisíveis nos contextos urbanos, por isso, o objetivo dessa monografia é apresentar contextos de visibilidade e história desses sujeitos, fazendo que se produza conhecimento através da experiência vivida já que é o próprio pescador que relata sua história e os processos que ocorreram no bairro. Captar as memórias dos pescadores artesanais através de sua narrativa ajuda a entender como os processos de transformação impactam suas vidas e seu bairro. Por isso a pesquisa que resultou neste presente trabalho consistia em resgatar a memória dos pescadores artesanais para captar os processos que ocorreram com o passar do tempo, sua relação com o lugar, por meio do estudo do bairro e o cotidiano da profissão com suas mudanças, através de entrevistas com pescadores experientes (que presenciaram as mudanças que ocorreram após a década de 1940) nas localidades de Ilha do Governador e Pedra de Guaratiba.

Palavras-chave: memória, narrativa, modernização, pescadores artesanais.

Abstract

The metropolitan geographic space of Rio de Janeiro lived an intense process of modernization that have impact in the life of the fishermen, principally on the middle of the century XX (decades 40, 50, 60 and 70), on Sepetiba bay and Guanabara bay. Too many times we don't see the artisanal fisherman like part of the urban, on the constructed stereotype about the fisherman, where he lives far way from the big urban agglomerations. The artisanal fishermen are invisible on the urban contest, in cause of this, this present work, consists to present the contexts of visibility and history of these subject, making the production of knowledge be by your lived experience, since it are the fishermen themselves who talks about your history and the process happen in your neighborhood. To capture the memory of the artisanal fishermen by your narrative helps to understand the processes that change and impact your lives and your neighborhood. In cause of this, the research that resulted in this present work, consists to rescue the memory of the artisanal fishermen to capture the process that happened in the course of time, your relationship whit the place by the by the study of the neighborhood and your everyday of your profission with your changes, by interview with the experienced fishermen (that was present in the processes that happen after the 1940 decade) on the locality of Ilha do Governador and Pedra de Guaratiba.

Keywords: memory, narrative, modernization, artisanal fishermen.

Lista de ilustrações

Figura 1 Dados sobre a região metropolitana do Rio de Janeiro . Fonte: http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/141125_atlas_rj visitado em 03/2018.....	11
Figura 2 Mapa da Metrópole do Rio de Janeiro, segundo número de pescadores. Fonte: NUTEMC- FFP-UERJ, 2010.....	13
Figura 3 Produção brasileira de pescado - 2003 a 2009. Fonte: RAINHA, 2014.....	19
Figura 4 Foto de satélite do município do Rio de Janeiro	26
Figura 5 Igreja de Nossa Senhora do Desterro em Pedra de Guaratiba. Fonte: http://mapio.net/pic/p-101908590/	27
Figura 6 Principais pontos de embarque e desembarque de localidades de pescadores artesanais na Pedra de Guaratiba. Fonte: RAINHA, 2014.....	29
Figura 7 Principais pontos de embarque e desembarque de localidades de pescadores artesanais na Pedra de Guaratiba. Fonte: RAINHA, 2014.....	30
Figura 8 Principais pontos de embarque e desembarque de localidades de pescadores artesanais na Pedra de Guaratiba. Fonte: RAINHA, 2014.....	31
Figura 9 Componentes da banda de Pedra de Guaratiba. Fonte: http://memorialguaratibano.blogspot.com.br/2011/01/tradicao-musical-guaratibana-o-mais.html	32
Figura 10 Sede da Banda Deozílio Pinto. Sede da Banda Deozílio Pinto existente até os dias atuais em Pedra de Guaratiba, com a clave de sol e a âncora como símbolo. Fonte: http://www.polopedradeguaratiba.com/ visitado dia 08/03/2018	33
Figura 11 Bonde em Pedra de Guaratiba. Imagem do bonde que circulava em Pedra de Guaratiba na década de 1950. Fonte http://www.museudantu.org.br/erioderjaneiro9.htm visitado dia 08/03/2018....	35
Figura 12 Localidades da pesca artesanal em meio aos empreendimentos modernos na baía de Sepetiba – RJ. Fonte: NUTEMC, 2014.....	38
Figura 13 Foto de satélite da Ilha do Governador indicando a localização da colônia de pescadores Z10 próxima a uma grande área verde. Fonte: Google, 2018.....	44
Figura 14 Colônia Z1 em 1934 e pescadores artesanais da colônia Z1 em 1934. Fonte: http://fotoclone.in/ilhadogovernador	45
Figura 15 Localidades de pesca artesanal em meio aos empreendimentos modernos na baía de Guanabara (fonte: NUTEMC)	47

Sumário

Introdução.....	8
1 Modernização da metrópole do Rio de Janeiro: Produção urbana e os impactos na área de pesca	10
1.1 A região metropolitana do Rio de Janeiro.....	10
1.2 A produção urbana e os impactos nas áreas de pesca do município do Rio de Janeiro.....	13
2 O Bairro Pedra de Guaratiba sob o olhar dos sujeitos.....	25
2.1 O Bairro de Pedra de Guaratiba	26
2.2 A pesca artesanal e Pedra de Guaratiba através dos relatos dos pescadores artesanais.....	28
3 Ilha do Governador e o olhar do pescador português.....	40
3.1 Contextos urbanos da ilha do governador e sua relação com a cidade.....	40
3.2 Manoel, o português que se tornou pescador no Brasil	41
Considerações finais	48
Referências bibliográficas	50

Introdução

Este trabalho de final de Curso de Licenciatura em Geografia tem origem no projeto de pesquisa “Modernização, território e cartografia da ação social: Análise da Cadeia produtiva, das condições de trabalho e das formas de luta dos trabalhadores da Pesca Artesanal no Rio de Janeiro”, coordenado pela Professora Dra. Catia Antonia da Silva, no âmbito do Edital Universal 2014 do CNPq. Entre 2015 e 2017 fui bolsista de iniciação científica – IC-CNPq Universal. A pesquisa em questão buscou captar o cotidiano do pescador artesanal e a sua relação à cidade onde mora e trabalha, assim como buscou também captar processos e ações de grandes empreendimentos que modificaram a dinâmica do bairro e a profissão do pescador artesanal com o passar do tempo. Este projeto de pesquisa articulou-se a outro projeto da FAPERJ, que tinha o título de “Memórias e narrativas dos pescadores na produção da cidade do Rio de Janeiro” e realiza diálogo entre a Geografia e a História Social. Minha função nos projetos articulados consistia em entrevistar os pescadores artesanais mais idosos e experientes de diferentes localidades do município do Rio de Janeiro, as localidades onde os pescadores foram entrevistados eram Ilha do Governador e o bairro de Pedra de Guaratiba. As entrevistas eram gravadas ou filmadas e depois transcritas pelo grupo de pesquisa NUTEMC, grupo de pesquisa que eu faço parte. A quantidade de entrevistados por bairro varia de acordo com a disposição de pescadores artesanais mais experientes que estejam disponíveis para a entrevista. Além de meu trabalho, outros bolsistas realizaram as entrevistas e organizaram o banco de dados do NUTEMC.

Como desdobramento de minha tarefa na pesquisa, selecionei os bairros de Pedra de Guaratiba e Zumbi, na Ilha do Governador para analisar os dados e organizar a monografia. O critério de seleção de bairro escolhido precisava ter algum tipo de relação com a pesca artesanal.

Para atingir os objetivos foi necessário realizar trabalhos de campo na Ilha do Governador e em Pedra de Guaratiba para conhecer essas localidades e para fazer entrevista com os pescadores. Os pesquisadores do NUTEMC elaboraram perguntas sobre a profissão de pescador artesanal e sobre as mudanças que aconteceram nos locais onde moram e trabalham, ou trabalhavam, esses pescadores. As entrevistas foram filmadas ou gravadas em áudio pela equipe do NUTEMC para depois serem transcritas.

Foram escolhidos os pescadores artesanais com mais de 60 anos, por eles terem presenciado grandes impactos da modernização no local onde trabalham e moram, principalmente após a década de 1940. Captar as memórias dos pescadores artesanais através de suas narrativas é essencial para compreender os processos que modificaram as dinâmicas do bairro em questão e os processos que modificaram a profissão do pescador artesanal com o passar do tempo.

O objetivo deste trabalho foi investigar os impactos da modernização na vida do pescador artesanal e na sua relação com o bairro, ou com a localidade, onde mora e trabalha utilizando como meio a memória e a narrativa dos pescadores entrevistados. As entrevistas foram feitas entre 2015 e 2017.

O período após a década de 1940 é o principal foco nesse trabalho. Milton Santos (1994) indica que após a década de 1940 a urbanização no Brasil acelerou, certamente esse processo variam de uma região para outra mas é um bom ponto de referência para se captar os processos que interferem na vida do pescador artesanal.

Vale ressaltar que do ponto de vista metodológico, esta monografia busca dialogar com os conceitos geográficos de estudos urbanos, com ênfase em Milton Santos, David Harvey, Catia Antonia da Silva e Andreilino Campos e dialoga com a Sociologia de Ana Clara Torres Ribeiro e os historiadores Michel de Certeau, Pollak, dentre outros. Foram escolhidos dois bairros Pedra de Guaratiba – Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro, litoral da Baía de Sepetiba, e Zumbi e Caju, área norte e central (respectivamente) da cidade do Rio de Janeiro, banhados pela Baía de Guanabara. O método da narrativa e memória permite trabalhar sob duas perspectivas: a do coletivo e a do indivíduo. Pelo limite do tempo de pesquisa, optamos pela análise da memória individual, conforme orientam os historiadores Pollak e Certeau. Desse modo, para a Pedra de Guaratiba, trabalhamos com o pescador VAVA, Seu Ivo e o morador historiador seu Nilson. No bairro de Zumbi, nosso foco com compreender a trajetória de vida de seu Manoel, pescador português venho muito jovem para o Rio de Janeiro e aqui aprendeu a pesca. O diálogo geográfico desses sujeitos pesquisados ocorre com a compreensão da espacialidade dos sujeitos. Essa espacialidade, se aproxima ao que Carlos Valter Porto Gonçalves denomina de geograficidades, ou seja, a compreensão das geografias elaboradas pela memórias dos sujeitos. No caso da Cidade do Rio de Janeiro, essas narrativas ajudam a compreender o espaço geográfico da cidade, muitas vezes invisíveis aos nossos olhos de morador da metrópole e de geógrafo.

Este presente trabalho é dividido em 3 capítulos. O primeiro capítulo Aborda a modernização na metrópole do Rio de Janeiro, tendo como alvo de análise todo o município do Rio de Janeiro. No segundo capítulo eu busco analisar os processos relatados pelos pescadores artesanais entrevistados no bairro de Pedra de Guaratiba e possíveis mudanças no cotidiano do bairro e da profissão. No terceiro capítulo busco analisar o cotidiano da pesca artesanal no Bairro de Zumbi na Ilha do Governador através dos relatos do pescador artesanal português chamado Manoel, que oriundo de Aveiros (Portugal) inicialmente morou no Bairro do Caju e mudou-se para a Ilha do Governador.

1 Modernização da metrópole do Rio de Janeiro: Produção urbana e os impactos na área de pesca

Antes de abordar a região da Ilha do Governador e de Pedra de Guaratiba, é necessário conhecer o município do Rio de Janeiro e sua história, é necessário descrever a região metropolitana do Rio de Janeiro e o papel desse município núcleo na formação regional.

1.1 A região metropolitana do Rio de Janeiro

A região metropolitana do Rio de Janeiro possui 20 municípios desde 2013, quando a Lei Complementar nº 158, de 26 de dezembro de 2013 incluiu os municípios de Cachoeiras de Macacu e Rio Bonito na Região metropolitana. Hoje a região metropolitana do Rio de Janeiro é composta pelos seguintes municípios: Rio de Janeiro, Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaboraí, Japeri, Magé, Maricá, Mesquita, Nilópolis, Niterói, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São Gonçalo, São João de Meriti, Seropédica, Tanguá, Itaguaí, Rio Bonito e Cachoeiras de Macacu. Esses municípios da região metropolitana do Rio de Janeiro juntos possuem uma população de 11.945.976 habitantes (em 2010), o que equivale a 74,7% da população de todo o Estado do Rio de Janeiro. O PIB da região metropolitana é de R\$ 276,9 bilhões, o que equivale a 68% do PIB de todo o Estado do Rio de Janeiro.

Na figura 1 temos um mapa da Região Metropolitana do Rio de Janeiro com todos os seus municípios. Nesta figura temos ainda a indicação do IDHM (Índice de desenvolvimento municipal) de várias áreas dessa região conforme a legenda.

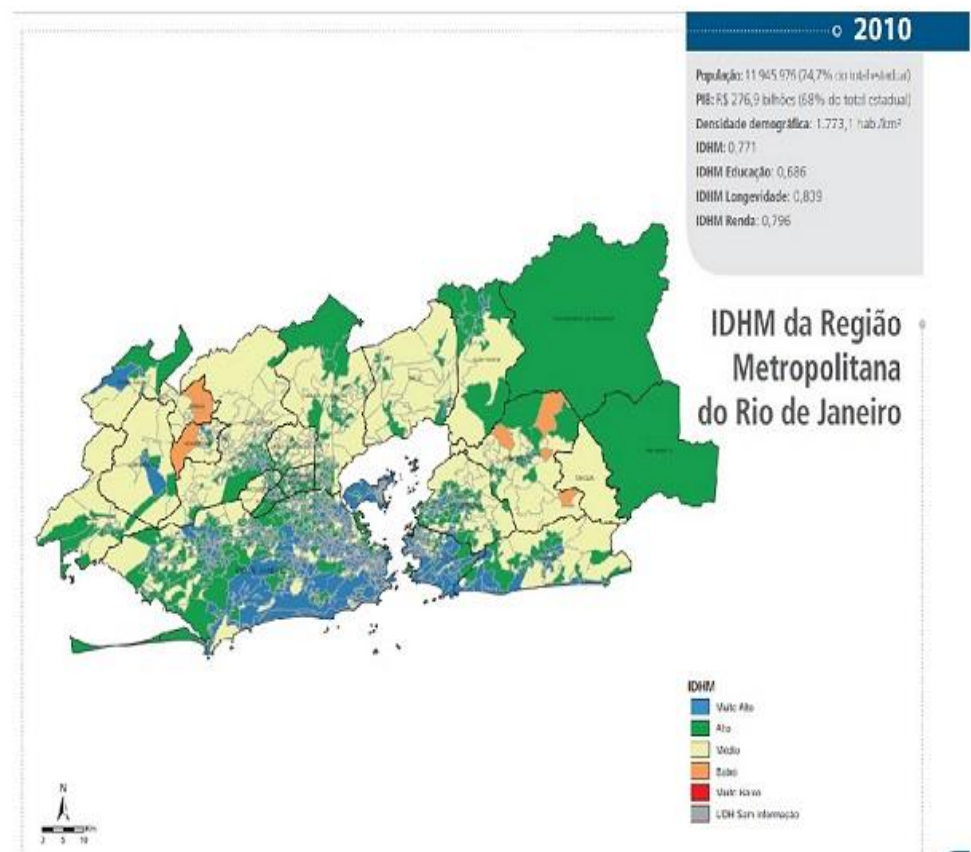


Figura 1 Dados sobre a região metropolitana do Rio de Janeiro . Fonte: http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/141125_atlas_rj visitado em 03/2018

Então, é nesse contexto que está situado o município do Rio de Janeiro, cercado de vários municípios que exercem influência sobre ele ou que são influenciados por ele. E para o pescador artesanal, essa divisão territorial entre municípios não faz muita diferença, pois quem pesca na baía de Sepetiba (que banha três municípios da região metropolitana) geralmente não pesca somente na área que corresponde ao seu município de origem e o mesmo acontece com o pescador artesanal da baía de Guanabara.

Apesar do foco central desse trabalho ser o município do Rio de Janeiro, é importante lembrar que vários municípios da região metropolitana do Rio de Janeiro possuem áreas de pesca artesanal (como é mostrado nas figuras 12 e 15).

No caso dos municípios banhados pela baía de Sepetiba e pela baía de Guanabara, é bem comum pescadores de diferentes áreas pescar no mesmo lugar, por exemplo, pescadores de uma área da Ilha do Governador, por exemplo, podem pescar no mesmo local que os pescadores do município de Niterói. A noção de território do pescador artesanal é diferente da noção de território do poder público.

Bairros e municípios, por exemplo, são delimitados oficialmente. Isso indica a dimensão política do território, espaço delimitado onde se exerce uma relação de poder (HASBAERT, 2006).

Bairros definidos por uma dimensão política (com nomes oficiais e delimitação oficial) podem receber outros nomes ou outras delimitações/subdivisões dadas pelos seus moradores, assim como os pescadores nomeiam áreas de pesca ou trajetos. Ou seja, muitos pescadores podem desconhecer várias dessas delimitações territoriais de ordem política, até por não terem sido feitas por eles ou com ajuda deles, mas, por sua vez, os pescadores artesanais conseguem memorizar ou até nomear uma área de pesca ou um trajeto de pesca.

O pescador artesanal depende da natureza para exercer sua profissão, por isso pode-se dizer que sua territorialidade tem como fator essencial para sua definição a dimensão natural. Sobre isso relatam Haesbaert e Limonad (2007, p. 46):

É importante não esquecer que há sempre uma base natural para a conformação de territórios e que, dependendo do grupo social que o produz (por exemplo, as comunidades indígenas), a relação dos grupos sociais com a primeira natureza pode mesmo ser primordial na sua definição.

Segundo o Mapa da figura 2, é elevado o número de pescadores nos municípios de Rio de Janeiro, possuindo, segundo o Ministério da Pesca e Aquicultura (2009) mais de mil pescadores cadastrados. O mapa de 2009 ainda não tinha Rio Bonito e Cachoeiras de Macacu como parte da região Metropolitana do Rio de Janeiro.

para a ligação com o centro da cidade e por isso passaram por um grande processo de urbanização, mais tardiamente em relação à outros bairros da cidade do Rio de Janeiro. A Ilha do Governador só teve sua primeira ponte de transporte rodoviário para a parte continental da cidade do no ano de 1949 e Pedra de Guaratiba tinha como obstáculo a grande distância para o centro da cidade.

A urbanização foi aumentando em todo o município do Rio de Janeiro, e com isso influenciando a vida do pescador artesanal que vê o local onde mora e trabalha passar por modificações. Diferentemente do trabalhador rural que, em muitos casos (Por exemplo, numa ocasião em que o trabalhador rural prefere ir para a área urbana após sair de uma área rural), precisou sair do campo para ser inserido dentro de uma dinâmica urbana (principalmente se seu local de origem está longe de um grande centro urbano), os pescadores artesanais das regiões abordadas veem a dinâmica urbana invadir o local onde mora, dinâmica essa que geralmente busca superar o que há de tradicional como a pesca artesanal para impor algo mais "moderno". A respeito de como o urbano corrói e dissolve o rural, excluindo elementos tradicionais, afirma LEFEBVRE (2001) p.74:

"A vida urbana penetra na vida camponesa despojando-a de elementos tradicionais: artesanato, pequenos centros que definham em proveito dos centros urbanos (comerciais e industriais, redes de distribuição, centros de decisão, etc.)."

Com o crescimento da população urbana cada vez menos pessoas tinham posse dos meios de produção, pois na dinâmica urbana capitalista o que se vende é a força de trabalho. Quem geralmente tem a posse dos meios de produção é o possuidor de grande capital ou o pequeno produtor rural. E o pescador artesanal urbano que tem a posse dos meios de produção? O pescador artesanal que vive no meio urbano não é um grande possuidor de capital e também não pode ser considerado trabalhador rural se ele está dentro da metrópole urbana, dentro da dinâmica urbana. Mas o estigma que ficou que ficou para o pequeno trabalhador rural também ficou para o pescador artesanal, a imagem de atrasado, de antiquado, de fora do que é moderno.

Considera-se pescador artesanal como sujeito de comunidades tradicionais que, em geral caracteriza-se pela qualificação profissional realizada a partir da tradição oral familiar ou/e comunitária e na maioria das vezes é dono dos meios de produção: o barco, a rede, os petrechos e a técnica de pescar (SILVA, 2014).

A pesca artesanal urbana do município do Rio de Janeiro também foi inserindo elementos modernos a profissão mas também manteve sua essência como relata Silva (2014).

A pesca artesanal caracteriza-se por um tipo de trabalho que se relaciona diretamente às técnicas artesãs e históricas, ao uso de técnicas modernas que integram a base material do trabalho do pescador (os objetos técnicos, os saberes e os fazeres), à cidade e à vida coletiva urbano-metropolitana (SILVA,2014,p.32).

Mesmo com a ajuda da técnicas mais modernas, o saber dos pescadores artesanais (sobre as ondas, sobre a maré, sobre como fazer uma rede, sobre os locais onde os peixes passam e que espécies passam) que se adquire no cotidiano do exercício de sua profissão, continua sendo a essência da pesca artesanal.

Em filmes e novelas vemos quase sempre o pescador artesanal como o sujeito que vive praticamente isolado, longe das grandes aglomerações urbanas. Na verdade, várias aglomerações de moradias, antes eram áreas de comunidades de pescadores. A invisibilidade também é produzida pelo poder público, que mapeia o zoneamento urbano, a partir das formas urbanas. Os conteúdos, as historicidades dos sujeitos ficam invisíveis e indizíveis frente às políticas urbanas (SILVA, 2015). De acordo com Silva, no Livro Metrôpoles e invisibilidades, muitos os pescadores que vivem nas periferias da metrópole e trabalham de madrugada e por isso parecem estar longe de grandes aglomerações urbanas, realmente existem muitos pescadores que vivem longe das aglomerações urbanas, mas uma generalização tão maciça pode acabar gerando um estereótipo. Esse estereótipo acaba ajudando a produzir uma invisibilidade, o pescador artesanal passa a fazer parte de um imaginário onde ele está muito distante do meio urbano. Por isso (mas não somente por isso) o morador da área urbana por muitas vezes não enxerga o pescador artesanal como parte de uma dinâmica urbana, não enxerga sua territorialidade, vê os mercados de peixes, mas não vê os sujeitos trabalhadores.

Com a aceleração dos processos de modernização (urbanização, industrialização, turismo, etc.), o moderno se opõe ao tradicional. O discurso de que o rural era antiquado ou atrasado e o espaço urbano é o símbolo da modernidade (discurso presente até em alguns livros didáticos não muito antigos) ajudou a impulsionar o êxodo rural (caso contrário os que saíssem de uma área rural tenderiam a buscar uma nova área rural para ficar), juntamente com as expropriações e ao aumento da quantidade de latifúndios, e também ajudou a criar uma invisibilidade do pescador artesanal que vive no meio urbano.

A gigantesca aceleração da urbanização provocou um crescimento urbano desigual. Sobre esse crescimento desigual, SANTOS (1993, p.109) menciona que “As cidades e, sobretudo, as metrópoles são corporativas, mas não apenas pelas facilidades que criam ou representam para a operação das grandes empresas, das corporações econômicas”. Quem tem

maior poder aquisitivo geralmente tem mais acesso a serviços como água encanada, esgoto e transporte. Com a população crescendo tão rapidamente e grande parte dela tendo baixo poder aquisitivo, a quantidade de esgoto sem tratamento nas baías de Sepetiba e da Guanabara também cresce. O surgimento de indústrias ao redor da baía de Sepetiba e da baía de Guanabara também influenciou no crescimento da poluição.

Segundo SANTOS (1993, p.111), a urbanização corporativa pode ser entendida como o processo que:

...se impõe a vida urbana como um todo, mas como processo contraditório opondo parcelas da cidade, frações da população, formas concretas de produção, modos de vida, comportamentos. Há oposição e complementaridade, mas os aspectos corporativos da vida urbana tendem a prevalecer sobre as formas precedentes das relações externas e internas da cidade, mesmo quando essas formas previas, chamadas tradicionais, de realização econômica e social, interessam a população mais numerosa e a áreas mais vastas. A lógica dominante, entretanto, é, agora, a da urbanização corporativa e a da cidade corporativa.

Outro elemento de invisibilidade das comunidades pesqueiras aparece nos mapas oficiais, na falta de sua participação nos relatórios de emprego, trabalho e renda do Ministério do Trabalho, nas estatísticas municipais e estadual. Além disso, nos relatórios de impacto ambiental dos grandes empreendimentos (Petrobras, - COMPERJ, Petrobras – Terminal GLP, Porto de Itaguaí, Porto Sudeste, TKCSA), as localidades de pesca são praticamente inexistentes.

A poluição aumentou na Região metropolitana do Rio de Janeiro e impôs mais dificuldades para o pescador artesanal e a especulação imobiliária fez com que o pescador artesanal perdesse mais espaço devido ao alto valor dado a propriedades próximas da orla que é a área onde geralmente o pescador artesanal mora.

A facilitação do acesso a áreas mais centrais da cidade não trouxe só problemas ao pescador artesanal. O acesso às áreas centrais da cidade também deu ao pescador artesanal melhor acesso aos locais de compra de equipamentos para a pesca (como o barco, o motor do barco, a rede e os petrechos) e acesso a locais de venda do pescado. Ainda que muitos desses locais sejam acessíveis ao pescador artesanal por via aquática o acesso ficou mais fácil com as vias ferroviárias e rodoviárias.

Muitas indústrias se instalaram no entorno da região metropolitana do Rio de Janeiro. Vários empreendimentos influenciaram a vida dos pescadores artesanais da baía de Sepetiba e da baía de Guanabara. As duas baías citadas passaram a servir cada vez mais aos atores

hegemônicos, passou a servir àqueles que tem o maior poder de produção do espaço (Grandes possuidores de capital e o Estado). Sobre como esse tipo de processo acontece SANTOS afirma que:

A presença, em pontos espalhados ou concentrados do espaço, de firmas monopolistas ou transnacionais com vocação a utilizar todo o território orienta a escolha desses capitais dormentes, qualificando os espaços nacionais à imagem dos seus interesses próprios, porque essas empresas dispõem da força política para impor o que hoje se chama de modernização do território (SANTOS, 2006, p.169).

Nesse contexto, a baía de Guanabara e a baía de Sepetiba tornaram-se rotas de grandes embarcações, o que limita a locomoção do pescador artesanal, pois os locais onde essas grandes embarcações trafegam pequenas embarcações geralmente são proibidas de trafegar. O local que era de uso coletivo passou a ter um uso cada vez mais restrito. Por isso Milton Santos usa o verbo “impor”, os pescadores artesanais dessas baías vem exercendo sua profissão nesses locais por muito tempo (que geralmente passa de uma geração para outra) e recentemente vem passando por dificuldades “impostas” por algo que é externo à eles como os grandes empreendimentos e as burocracias impostas pelo Estado.

A modernização trás um pressuposto de que o homem passe a dominar a natureza e o pescador artesanal ainda depende da natureza para exercer sua profissão, depende da disposição de espécies que a natureza pode oferecer e de que o ambiente esteja propício à circulação e reprodução de determinadas espécies, mas ele não pode controlar isso. Certamente não se pode dizer que o homem não tem interferência sobre o ambiente onde o pescador artesanal trabalha, pois a poluição pode matar várias espécies mas os grandes poluidores (indústrias e esgoto) não estão sob controle do pescador.

A pesca ainda é conhecida como uma das únicas remanescentes do setor de alimentos que ainda depende, em sua maior parte, da natureza. A aquicultura vem crescendo muito no Brasil e busca superar a pesca extrativa, ou seja, a dependência da natureza. Por isso, faço uma comparação entre a aquicultura e a pesca artesanal. Diferentemente do pescador artesanal, o aquicultor tem a possibilidade de controlar o ambiente onde cria as espécies, de controlar as espécies e de controlar a população de cada uma, ou seja, vai de encontro ao pressuposto de dominação do homem sobre a natureza com a utilização de saberes científicos para controlar a produção. Mas o pescador artesanal não está inserido nesse pressuposto, embora ele possa contar com equipamentos modernos, não é o saber científico que o pescador artesanal usa para o exercício de sua profissão (embora a ciência possa usurpar parte desse

saber e torna-lo científico ou adaptá-lo). Além disso, o pescador artesanal está sujeito à poluição, a restrição de áreas de pesca e a interferências que atrapalham o exercício da profissão por parte do poder público.

A aquicultura vem recebendo muito mais investimento por parte do poder público de que a pesca artesanal. Acontece algo parecido no meio rural onde a agricultura familiar recebe muito menos investimentos e o agronegócio recebe muito investimento público. O que pode se perceber é a ação do Estado para fazer prevalecer o moderno sobre o tradicional e isso também fica claro na declaração do secretário de Infraestrutura e Fomento do Ministério da Pesca e Aquicultura em Janeiro de 2014 ao comentar sobre o anúncio de investimento do BNDES na aquicultura da região Centro-Oeste:

“O Brasil tem conseguido, nos últimos três anos, crescer muito na produção de pescado, principalmente na aquicultura, já que na pesca extrativa a gente tem algumas limitações de frota antiga e de algumas espécies com problema de sub-exportação. Mas eu não tenho dúvidas que a gente tem como produzir muito pescado no Brasil e o ministério busca isso”. (Disponível em: <https://exame.abril.com.br/economia/bndes-concede-r-34-3-milhoes-para-fomento-da-aquicultura/> visitado dia 02/10/2017)

Com este depoimento fica claro que os investimentos do poder público na aquicultura (via BNDES, por exemplo) serão maiores que o investimento na pesca extrativa. O secretário do Ministério da pesca e aquicultura cita o problema da frota antiga da pesca extrativa (que inclui a pesca artesanal) como se ele não pudesse ser resolvido por empréstimos do BNDES. Esse dinheiro do BNDES na aquicultura é aplicado na racionalização da produção, em investimentos na técnica de controle do ambiente, da engorda e da reprodução entre outras coisas. Possivelmente também podem existir interesses de empresas que fornecem rações e remédios para os peixes.

Produção (t) brasileira de pescado - 2003 a 2009

	2003	2009
Pesca Marinha	484.592,5	585.671,5
Pesca Continental	227.551	239.492,6
Total Pesca	712.143,5	825.164,1
Piscicultura	177.125,5	337.353
Carcinicultura	90.196,5	65.189
Aquicultura (outros)	11.433	13.107,4
Total Aquicultura	278.128,5	415.649
Total Geral	990.272	1.240.813,1

Fonte: Produção Pesqueira e Aquícola: estatística 2008 e 2009; MPA, 2010.

Figura 3 Produção brasileira de pescado - 2003 a 2009. Fonte: RAINHA, 2014

Na figura 3 nota-se que os dados de 2009 demonstram que a pesca extrativa (total pesca) produz bem mais que o total da aquicultura, mas é possível observar também que a diferença entre a quantidade produzida na aquicultura e na pesca extrativa foi diminuindo entre 2003 e 2009.

Mas creio que a pesca artesanal não desaparecerá por causa da ascensão da aquicultura, há espécies que não podem viver em ambientes controlados e espécies que não tem apelo econômico para a aquicultura. É bom lembrar que na produção rural o agronegócio se voltou principalmente para o que era mais requisitado como a soja e produtos com o arroz e o feijão foram produzidos pelo pequeno agricultor. As dificuldades impostas ao pescador artesanal para a prevalência do moderno vem atrapalhando o pescador artesanal, mas nem tudo pode ser controlado pelo saber científico por isso mesmo com tantos obstáculos a pesca artesanal resiste.

No início do século XX essa relação entre o poder público e a pesca artesanal era outra, a própria categoria de pescador artesanal teve origem no poder público. As colônias de pescadores, como as de Pedra de Guaratiba (Z14) e da Ilha do Governador (Z1 na época da fundação e Z10 nos dias de hoje) foram fundadas pela marinha do Brasil. Os pescadores eram membros não oficiais da marinha e ajudavam a proteger a área costeira do Brasil (RESENDE 2014). Embora o pescador seja o elo mais fraco pode-se dizer que existia uma certa parceria entre os pescadores e a Marinha.

O que se vê sobre fatos históricos é que geralmente são representações da história dos setores dominantes da sociedade ou a história contada pelos representantes desse setor dominante. As populações tradicionais ficam muitas vezes por fora da história contada ou tem sua história sendo distorcida, ou, geralmente o que se mostra é uma visão externa. E quando são representadas, muitas vezes as populações tradicionais são homogeneizadas pelas estatísticas. Sobre a relação entre a estatística e a prática cotidiana CERTEAU (1980) afirma:

Decompondo essas “Vagabundagens” eficazes em unidades que ela mesma define, recompondo segundo seus códigos os resultados dessas montagens, a enquete estatística só “encontra” o homogêneo. Ela reproduz o sistema ao qual pertence e deixa de fora do seu campo a proliferação das histórias e operações heterogêneas que compõem os patchworks do Cotidiano.

Para Certeau a homogeneização da sociedade deixa de fora operações heterogêneas que fazem parte do cotidiano.

Também sobre a homogeneização, RAFFESTIN (1993 p.162) afirma:

Enquanto os economistas sempre tendem a homogeneizar o espaço, os geógrafos, por seu turno, homogeneizam a sociedade. Eis por que pensamos que a análise da territorialidade só é possível pela apreensão das relações reais recolocadas no seu contexto sócio-histórico e espaço-temporal.

Para Raffestin a análise do território e da territorialidade deve levar em conta relações reais e seu contexto sócio histórico e espaço-temporal e não deveria ser da forma que, segundo ele, os geógrafos utilizavam que promovia uma homogeneização da sociedade.

Segundo Raffestin (1993), o território é expressão de relações de poder e de disputas entre agentes. A fronteira, a delimitação dos conflitos necessita ser pensado na dimensão da expansão do território, que pode ser feito pelo Estado e pelas empresas.

Diferente da análise de Ratzel, o território não depende de um longo enraizamento para a construção de identidades e relações de poder. Ele é instrumento de soberania do Estado Nacional, o que garante seu espaço vital, o que se dá com longo período histórico de enraizamento e construção do Estado (SOUZA, 1995).

Para Marcelo José Lopes de Souza, em artigo sobre território publicado no livro Geografia: Conceitos e Temas (1995), explica essa proposta de conceituação do território como “*campo de forças*”, portanto é relacional e dá como exemplos de territorialidade urbana, como os territórios da prostituição, do comércio ambulante e das máfias do narcotráfico no Rio de Janeiro, neste sentido, os territórios podem ser dissolvidos rapidamente de acordo com os conflitos.

Rogério Haesbaert (2006) dá elementos dessa polissemia quando explica a “*amplitude do conceito*” a partir do enfoque geral das principais ciências. Desse modo, analisa o conceito de território considerando múltiplas acepções. Essas várias noções foram sintetizadas por

Haesbaert em quatro vertentes: Política, Culturalista, econômica ou economicista e naturalista.

Política: onde o território é analisado como espaço delimitado onde se exerce uma relação de poder, com ênfase no Estado e nos grandes Agentes, tais como as empresas; **Cultural(ista):** onde o território é interpretado como apropriação ou valorização simbólica do espaço vivido dos grupos sociais. - **Econômica ou economicista:** onde a dimensão espacial das relações econômicas é a principal razão das relações e da delimitação espacial. - **Natural(ista):** onde o território é analisado a partir da relação entre o homem e a Natureza, do comportamento humano em relação ao meio físico.

Apesar do esforço de sintetizar a polissemia do conceito nessas quatro vertentes, Haesbaert propõe que a reflexão sobre essa polissemia seja vista “*a partir de outro patamar, mais amplo, em que estas dimensões se inserem dentro da fundamentação filosófica de cada abordagem*”. (idem, 2006, p. 215) Desse modo, a conceituação de território é proposta segundo “o binômio materialismo-idealismo” e segundo “o binômio espaço-tempo”.

Os pescadores artesanais reconhecem que seu “território pesqueiro” vem sofrendo redução e intervenção do Estado com a criação de áreas de contenção a pesca e a navegação. As áreas de contenção incluem todas as áreas dos grandes empreendimentos, canal de navios, 500 metros entorno dos navios, áreas de fundeio, terminais, portos, etc.

Relacionando as afirmações de Raffestin e Certeau, nota-se que para superar essas generalizações é necessário o trabalho de campo, é necessário investigar sobre a vida cotidiana e sobre os contextos do cotidiano dos sujeitos.

Nos trabalhos de campo, foi possível refletir sobre dois conceitos geográficos: o conceito de território e o conceito de lugar, que se relaciona a dimensão existência da vida, ou seja, a relação entre cotidiano e modo de vida, entre identidade e vida coletiva. Esses dois conceitos relacionam com a questão da memória e narrativa, de acordo com as entrevistas que realizamos com pescadores de Pedra de Guaratiba e o pescador Manoel da Ilha do Governador.

O uso da narrativa do pescador artesanal nesse trabalho é muito importante, pois é através de relatos que o pescador artesanal mostra a sua história e suas práticas cotidianas.

Sobre a arte de narrar, chama atenção ZIM, 2015:

“Walter Benjamin (1989), no ensaio “O narrador”, vincula o desaparecimento da narrativa oral ao surgimento do romance. A difusão do romance torna-se possível com a invenção da imprensa, porque depende do papel como meio de transmissão; diferente do conto e da epopeia que tem origem na tradição oral. Segundo ele, “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. O romancista segrega-se. A origem do romance é o indivíduo isolado”, (p. 201). Nesse sentido, a narrativa, originalmente, é uma forma artesanal de comunicação que se populariza na forma dos contos orais e posteriormente, nos contos escritos. Segundo o mesmo autor, a narrativa não está interessada em transmitir o acontecimento puro, a “coisa” narrada em si, como informação ou um relatório. “Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, com a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1989, p. 205). As narrativas orais, porém, podem ter durações maiores ou espaços que extrapolam os limites do

conto. Uma série de histórias contadas de forma artesanal, como a tessitura descrita por Benjamin, poderia configurar um romance oral com seus diversos capítulos e uma trama mais complexa.” (ZIM, 2015, p. 3).

A narrativa é a exposição da memória, a capacidade de transmitir leituras e interpretações de lembranças e de acontecimentos, que tem haver com o lugar vivido. Por isso, o conceito de bairro ganha importância como experiência cotidiana, trajetos dos corpos, construção coletiva do vivido e do concebido.

“(…) Nessa perspectiva limítrofe e transitória, o bairro pode ser considerado como a privatização progressiva do espaço público, como um dispositivo prático que tem por função garantir uma solução de continuidade entre aquilo que é mais íntimo (o espaço privado da residência) e o que é mais desconhecido (o conjunto da cidade ou mesmo, por extensão, o resto do mundo). O bairro constitui o termo médio de uma dialética existencial entre o dentro e o fora (MAYOL apud CERTEAU, 1996, p. 42)” (ZIM, 2015, p. 5.).

Certamente pode existir incoerência no relato. O entrevistado em questão pode relatar sobre coisas ou fatos inexistentes ou enxergar os fatos de uma forma diferente do que é a realidade, assim como pode omitir fatos existentes. Ele pode trazer consigo fatos vividos por outras pessoas mas que ele se sente como parte atuante. Mesmo com essas possíveis subjetividades, a narrativa é melhor forma de captar a história desses sujeitos (pescadores artesanais) que foram invisibilizados.

Para superar possíveis distorções ou incoerências, na pesquisa que resultou neste presente trabalho, foram entrevistados 3 pescadores artesanais em Pedra de Guaratiba, assim foi possível comparar e achar pontos que se coincidem nos relatos dos pescadores artesanais entrevistados. Mas não foi possível entrevistar mais pescadores artesanais na Ilha do Governador.

Sobre a importância do testemunho (da narrativa) para a história Ricoeur (1913, p.156) afirma:

Será preciso, contudo, não esquecer que tudo tem início não nos arquivos, mas com o testemunho, e que, apesar da carência principal de confiabilidade do testemunho, não temos nada melhor que o testemunho, em última análise, para assegurar-nos de que algo aconteceu, a que alguém atesta ter assistido pessoalmente, e que o principal, se não às vezes o único recurso além de outros tipos de documentação, continua a ser o confronto entre testemunhos (1913, p.156).

O fato histórico foi primeiramente um testemunho, essa é a importância da oralidade, da narrativa. Esse testemunho tem mais importância ainda quando se trata do sujeito invisibilizado, que tem sua presença mais oculta no meio urbano, que é o pescador artesanal. Os pescadores são invisibilizados nas estatísticas, que homogeneizam a população. Por isso uma ciência sensível, que problematiza as existências sociais na construção da vida coletiva (SILVA, 2014), poderia ser o caminho para a produção científica sem muitas distorções, que não produza invisibilidades de sujeitos sociais. A coletividade dos pescadores artesanais e suas relações cotidianas (o vivido, a vivência) podem apontar para a sua territorialidade, conforme relata RAFFESTIN (193 p. 158) “De acordo com a nossa perspectiva, a territorialidade adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do "vivido" territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral”.

O pescador artesanal tem sua territorialidade, mas ela muitas vezes não é percebida. Por isso o relato do próprio pescador artesanal sobre como ele vê as mudanças na sua profissão e no seu ambiente com o passar do tempo, por esse motivo entrevistamos pescadores artesanais mais experientes de Pedra de Guaratiba e da Ilha do Governador.

A entrevista, em geral recorre a escala do bairro, enquanto lugar de sociabilidade, de produção das redes de pesca, de organização das reuniões políticas. Por isso, o bairro ganha centralidade. Mas a escala da metrópole, da cidade do Rio de Janeiro, e das baías aparecem como o território, como referencia relacional entre os usos. Por isso o território usado de SANTOS (1994) ajuda a compreender esses dois conceitos e sua vitalidade para compreender o papel desses pescadores na produção de leituras geográficas sobre o espaço.

Sobre o conceito de bairro, vale a pena recorrer a Candido e Barros. Importante a apresentação da história desse bairro, visto que o conceito de bairro, segundo o sociólogo Antônio Candido refere-se obtém uma definição que relaciona o recorte físico a laços afetivos:

“(...) além de determinado território, o bairro se caracteriza por um segundo elemento, o ‘sentimento de localidade’ existente nos seus moradores, e cuja formação depende não apenas da posição geográfica, mas também do intercâmbio entre as famílias e as pessoas, vestindo por assim dizer o esqueleto topográfico: – O que é bairro? – perguntei certa vez a um velho caipira, cuja resposta pronta exprime numa frase o que se vem expondo aqui:

–
Bairro é uma naçãozinha
Bairro é uma naçãozinha
Bairro é uma naçãozinha
Bairro é uma naçãozinha
Bairro é uma naçãozinha. –

Entenda-se: a porção de terra a que os moradores têm consciência de pertencer, formando uma certa unidade diferente das outras” (BARROS, 2004, P. 58)

De acordo com Barros (2004) numa perspectiva geográfica e na perspectiva do urbanismo para a morfologia social, o bairro é uma unidade morfológica e estrutural; é caracterizado por uma paisagem urbana, por um conteúdo social e pela função; portanto, uma mudança num desses elementos é suficiente para alterar o limite do bairro. Em seguida, analisam a escala bairro como sendo a intermediária entre as três escalas a cidade e a rua, está o bairro, que compõem uma cidade.

Para Micheul de Certeau (2011), o bairro relaciona-se com os trajetos dos homens (e mulheres) ordinários. Faz parte do circular pela cidade, uma espécie de apropriação urbana. Desse modo, o bairro, seria a escala produzida pelos urbanismos e pelos agentes – empresa e estado, mas por meio do cotidiano, o sujeito vai percorrendo o espaço público e inscrevendo suas marcas, por isso se apropriando, redefinindo produzindo outros sentidos de existência.

Diz o autor:

(...), o Bairro ... é um pedaço de cidade atravessado por um limite distinguindo o espaço privado do espaço público: é o que resulta de uma caminhada, da sucessão de passos numa calçada, pouco a pouco significada pelo vínculo orgânico com a residência. (idem, 2011, p. 41)

E mais,

Segue o autor: a prática do bairro introduz um pouco de gratuidade no lugar da necessidade; ela favorece uma utilização do espaço urbano não finalizado pelo seu uso somente funcional. No limite, visa conceder o máximo de tempo a um mínimo de espaço para liberar possibilidades de deambulação. O sistema leva aqui a melhorou sobre o processo; a caminhada de quem passeia pelo bairro é sempre portadora de diversos sentidos... lembranças de itinerários enterradas no chão desde a infância, considerações alegres, serenas ou amargas sobre o seu próprio destino, inúmeros segmentos de sentidos que pode tomar lugar de outro conforme vai se caminhando, sem ordem e sem regra, despertadas ao acaso dos encontros, suscitadas pela atenção flutuante aos acontecimentos que, sem cessar, se vão produzindo a rua. (Certeau, 2011, p. 44)

O bairro se articula conceitualmente com o corpo do sujeito que se move na rua, na relação publico-privado o cotidiano, que tem a força tediante do presente, pode tornar-se insurgente quando consegue romper com as normas e instituir e restituir sentidos da ação.

Desse modo, o cotidiano e o bairro são referências existências para o pescador e nele se inclui os trajetos nos mares, seus pesqueiros, seus lugares de confecção de redes, seu lugares de encontro e de sociabilidades.

A seguir analisaremos o bairro da Pedra de Guaratiba e sua relação com os pescadores artesanais entrevistados.

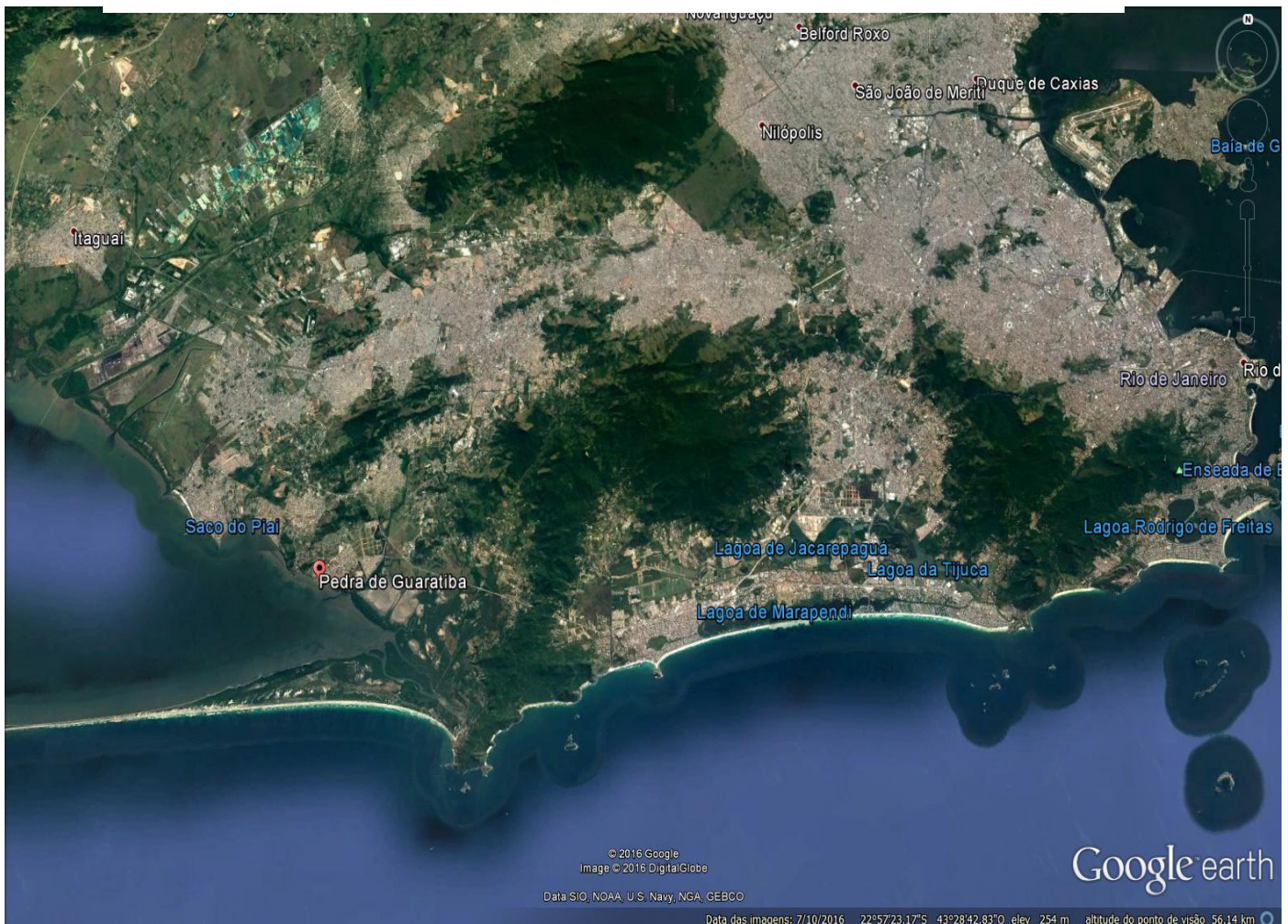
2 O Bairro Pedra de Guaratiba sob o olhar dos sujeitos

Nesse capítulo iremos analisar o bairro de Pedra de Guaratiba através dos relatos dos pescadores artesanais do bairro. Os pescadores artesanais entrevistados nesse bairro foram: Seu Vavá e seu Ivo. Seu Nilton não é pescador artesanal profissional, mas a entrevista com ele, nos possibilitou conhecer melhor a Pedra de Guaratiba, por meio de seu acervo fotográfico e histórico.

Nilson, se considera um pescador, mas trabalha com História e fala mais sobre a história do bairro que ele aprendeu com o primo Rivardávia Pinto, que foi um estudioso da história de Pedra de Guaratiba. Seu Vavá fala mais sobre o cotidiano de pescador artesanal em Pedra de Guaratiba desde a época em que ele começou a pescar (década de 1930) até os dias atuais. Ivo, pescador artesanal e filho de família tradicional de pesca e cercadas (tipo de armadilha de pesca) na Pedra de Guaratiba, aborda mais os impactos da degradação do meio ambiente na baía de Sepetiba e faz críticas ao poder público.

A seguir, será apresentado contexto urbano do Bairro Pedra de Guaratiba e depois apresentaremos dos dados sobre os sujeitos pescadores.

2.1 O Bairro de Pedra de Guaratiba



Guaratiba é uma região da Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro, composto por três bairros: Barra de Guaratiba, Pedra de Guaratiba e Ilha de Guaratiba. Por recorte do objeto de pesquisa, estudaremos somente a Pedra de Guaratiba, um bairro que tem a tradição muito antiga com as atividades de pesca artesanal. Recentemente, o bairro tem uma população de 9488 habitantes (2010) segundo o Geo Rio e possui 179 imóveis.

Com a figura 4 é possível ter noção da distância entre o bairro de Pedra de Guaratiba para o centro do Rio de Janeiro (área da imagem de satélite onde está escrito “Rio de Janeiro”), essa grande distância foi essencial para Pedra de Guaratiba se tornar o que é hoje. Assim como também é possível notar na figura 4 áreas densamente urbanizadas representadas pela parte mais clara da figura (lembrando que alguns municípios da Região metropolitana do Rio de Janeiro além do município do Rio de Janeiro aparecem nessa imagem de satélite).

Figura 4 Foto de satélite do município do Rio de Janeiro. Fonte: Google

A história de Pedra de Guaratiba começa no século XVII, quando Manoel Veloso Espinha recebeu a sesmaria da região que hoje conhecemos como Guaratiba, por ter trabalhado para a coroa portuguesa. Após a morte de Manoel Veloso as terras foram divididas em duas partes para 2 filhos, após um desses herdeiros morrer a parte das terras dele foi concedida para a Província carmelitana Fluminense por ele não ter filhos. Tendo posse das terras, os carmelitas construíram a Capela de nossa Senhora do Desterro em 1628 na área onde hoje é o bairro de Pedra de Guaratiba, a capela em questão existe até os dias atuais como podemos ver na figura 5.



Figura 5 Igreja de Nossa Senhora do Desterro em Pedra de Guaratiba. Fonte: <http://mapio.net/pic/p-101908590/>

Após isso, vários engenhos se formaram em Pedra de Guaratiba como o Engenho Novo, o Engenho de fora, do Morgado, o da Ilha e o da bica. Esses engenhos permaneceram ativos pelo menos até o século XIX. Após o século XIX, entramos no nosso foco que é o século XX, época vivida pelos entrevistados em Pedra de Guaratiba.

Essas informações sobre a história de Pedra de Guaratiba na maioria das vezes tem como fonte Rivardávia Pinto. Ele não se formou em história mas era conhecido com um especialista quando o assunto é a história de Pedra de Guaratiba, inclusive Rivardávia Manoel Pinto foi homenageado com seu nome dado a uma escola municipal em Pedra de Guaratiba. Nilson, um dos entrevistados em Pedra de Guaratiba para o trabalho de pesquisa que resultou

nessa presente monografia, tinha como fonte de sua sabedoria sobre a história do bairro onde mora Rivardávia Pinto, que era o primo dele. Sobre como ele aprendeu sobre a história de Pedra de Guaratiba, Nilson relata:

Rivardávia já faleceu faz alguns anos, foi uma pessoa que pesquisou Guaratiba por mais de 40 anos. O que aprendi aqui foi com ele, ele passou através de fotografias, de textos e tudo mais. É uma história muito viva pesquisada não só aqui com os moradores locais mas através de museus, de bibliotecas e tudo mais no Rio de Janeiro. Ele procurou conhecer a história local e pesquisou os fundamentos dessa história em locais próprios e adequados para tal, conhecimento mais profundo na área de história, arqueologia.

Em relação a Pesca artesanal, as primeiras comunidades de pesca artesanal são datadas do tempo dos sambaquis, portanto indígenas. No período colonial, as atividades indígenas de pesca passam a receber influências das pescarias portuguesas. A formação dos caiçaras são, de acordo com Diegues (2001), marcados pela miscigenação entre etnias indígenas e colonização portuguesa e as marcas espaciais se dão com as atividades da roça, as atividades de agricultura de subsistência, as músicas culturais locais e as pescarias de pequena escala, tendo a canoa caiçara – feita de um tronco só – o grande elemento simbólico. Na Pedra de Guaratiba, não vemos as comunidades pesqueiras se autodenominarem de caiçaras, mas é possível ver nas fotos e em uma casa de um dos pescadores não entrevistados várias canoas caiçaras.

2.2 A pesca artesanal e Pedra de Guaratiba através dos relatos dos pescadores artesanais

Assim, podemos constatar que a pesca artesanal profissional sempre foi muito importante para a história de Pedra de Guaratiba. No passado colonial, se inscreve as novas organizações ligadas ao processo de colonização, entremeadas com a pesca da baleia (cujo óleo eliminava por meio das lamparinas) e os peixes alimentavam a população que vivia nas proximidades.

Algumas comunidades locais até hoje são muito importante na Pedra de Guaratiba. Dentre elas, destacam-se o píer e a Ponta Grossa. O Pier (que pode ser visto na figura 6) fica no centro do bairro, que tem uma história de polo gastronômico que atrair pessoas de diversos outros bairros, inclusive da Zona Sul e a Ponta Grossa, um pouco mais afastado até hoje tem forte marca nos casarios. Os ranchos (locais onde se guardam os petrechos) e o cais de estacionamento das embarcações são marcos. Alguns desses marcos do bairro estão nas figuras 6,7 e 8. São mais de 450 pescadores artesanais profissionais residem na Pedra de Guaratiba.

- Principais pontos de embarque e desembarque de Pedra de Guaratiba. A esquerda as comunidades/localidades de Ponta Grossa e Pier/Pracinha; à direita a Praia da Capela



Figura 6 Principais pontos de embarque e desembarque de localidades de pescadores artesanais na Pedra de Guaratiba. Fonte: RAINHA, 2014.

Mosaico - Pier/Pracinha: à esquerda os ranchos que também cumprem a função de moradia para os pescadores artesanais locais; à direita o atracadouro da localidade



Fonte: Núcleo de Pesquisa Urbano, Território e Mudanças Contemporâneas (NUTEMC/UERJ), 2014.

Figura 7 Principais pontos de embarque e desembarque de localidades de pescadores artesanais na Pedra de Guaratiba. Fonte: RAINHA, 2014.

Pier/Pracinha: à esquerda os ranchos que também cumprem a função de moradia para os pescadores artesanais locais; à direita o atracadouro da localidade



Fonte: Núcleo de Pesquisa Urbano, Território e Mudanças Contemporâneas (NUTEMC/UERJ), 2014.

Figura 8 Principais pontos de embarque e desembarque de localidades de pescadores artesanais na Pedra de Guaratiba. Fonte: RAINHA, 2014

A pesca artesanal deixou marcas no aspecto cultural, segundo o entrevistado Nilson:

Houve a desagregação até cultural. Tirou o sustento deles. Nós temos aqui banda de música do bairro, nosso bairro era rico. O símbolo da nossa banda de música é uma clave de sol e uma âncora, é a música e o pescador. É a clave de sol e uma âncora. O pescador pescava o dia todo e quando chegava a noite ele ia tocar uma musiquinha. Deozilio era o meu tio, irmão do meu pai, meu pai era da música.



Conjunto de chorões da Pedra de Guaratiba (1920) Os Bohemios: da esquerda para a direita Aníbal Chaves (violão), Mário Barrozo (violão) Deozílio Pinto (trombone), Azelino Chaves (flauta), Cosme Chaves (bandolim), João Vieira (cavaquinho), Leoncio Ribeiro (violino), Pedro Prateado (chocalho) e Henrique Paulo de Aseredo (tuba).

Figura 9 Componentes da banda de Pedra de Guaratiba. Fonte:

<http://memorialguaratibano.blogspot.com.br/2011/01/tradicao-musical-guaratibana-o-mais.html>

Alguns pescadores de Pedra de Guaratiba também eram músicos nas horas vagas. Maestro Deozílio (que aparece na figura 9), tio do entrevistado Nilson, foi um dos fundadores da banda Deozílio Pinto, Deozílio (também conhecido como maestro Deozílio) foi um notável nome da música clássica brasileira, ele era de uma família de pescadores. A banda foi fundada em 1870 e sua sede existe até os dias de hoje em Pedra de Guaratiba. O símbolo da banda é uma clave de sol e uma âncora, a clave de sol representando a música e a âncora representando a pesca, como podemos observar na figura 10. Além de músico, Deozílio também foi chefe do departamento florestal, órgão responsável pela fiscalização da pesca na região de Pedra de Guaratiba.



Figura 10 Sede da Banda Deozílio Pinto. Sede da Banda Deozílio Pinto existente até os dias atuais em Pedra de Guaratiba, com a clave de sol e a âncora como símbolo. Fonte: <http://www.polopedradeguaratiba.com/> visitado dia 08/03/2018

Outra marca que ficou da importância histórica da pesca artesanal foi a colônia de pescadores de Pedra de Guaratiba. A colônia de pescadores de Pedra de Guaratiba, a Z14. A colônia Z14 foi fundada em 1908 quando esteve ancorado em Pedra de Guaratiba um rebocador da marinha para atender aos pescadores, a Marinha do Brasil fundou a colônia que em 1908 teve seus primeiros pescadores registrados.

A colônia Z14 funciona até os dias de hoje. Atualmente a colônia também serve como um marco da presença do pescador artesanal no bairro. Sua localização fica a poucos metros de restaurantes que servem camarões e peixes e do mercado de peixe de Pedra de Guaratiba Neco Russo.

Pedra de Guaratiba tem muitos séculos de história. Muitas mudanças aconteceram na região com o passar do tempo, mas nos últimos 100 anos se verificam mais mudanças no bairro do que em todos os séculos anteriores de história. Por isso foram feitas entrevistas com 3 pescadores artesanais de Pedra de Guaratiba que acompanharam grande parte das mudanças ocorridas no século XX.

A área de Pedra de Guaratiba era considerada rural até meados do século XX. Pedra de Guaratiba não tinha uma grande integração com outras áreas da cidade do Rio de Janeiro já que antes nesse período os automóveis estavam começando surgir no Brasil e as estradas ainda estavam sendo construídas. A Avenida Brasil, por exemplo, foi inaugurada em 1946. O acesso ao centro da cidade era muito difícil conforme relatou seu Vavá:

Para o centro da cidade tinha bonde, agente apanhava o bonde e ia para Campo Grande, de Campo Grande ia para a Cidade, pegava o trem e ia para a cidade. Era soltar na Praça XV, comprar o que tinha que comprar, aí apanhava o trem e ia embora para Campo Grande. Era um sacrifício ir para a cidade, tirava o dia só para ir para a cidade. Era o dia inteiro. E a viagem, daqui até Campo Grande agente gastava quase duas horas de viagem, era de bonde, o bonde daqui até lá levava duas horas, uma hora e pouca, quando não caía no caminho (Depoimento seu Vavá, Pedra de Guaratiba, 2015. Fonte: Nutemc-FFP-UERJ, 2016).

Este bonde mencionado por Seu Vavá pertencia ao serviço de transporte rural. Ou seja, a área de Pedra de Guaratiba era considerada uma área rural pelo menos até a década de 1950, época retratada pela figura 11. Seu Vavá menciona “cidade” no depoimento, querendo se referir ao centro do Rio de Janeiro, de forma muito parecida, muitos moradores de áreas rurais (ou de distritos longe do centro do município) se referem ao distrito sede do seu município como cidade. O bonde da figura 11 servia para ligar Campo Grande a zona rural do Rio de Janeiro, terminando em Pedra de Guaratiba.



Figura 11 Bonde em Pedra de Guaratiba. Imagem do bonde que circulava em Pedra de Guaratiba na década de 1950. Fonte <http://www.museudantu.org.br/eriodenjaneiro9.htm> visitado dia 08/03/2018

Perguntado sobre a urbanização do seu bairro Seu Vavá afirmou “Tinha, daqui até o bar dali sabe quantas casas tinha? Tinha a do meu tio, uma, duas, três, tinha cinco casas.” (Depoimento de seu Vavá, Pedra de Guaratiba, 2015. Fonte: Nutemc-FFP-UERJ)

Com a aceleração dos impactos da modernização, principalmente a partir da década de 1940, a pesca continuou sendo a principal atividade econômica de Pedra de Guaratiba, mas a

dinâmica do bairro foi mudando. A abundância de pescados na região ajudou a sustentar e a alavancar a proliferação de restaurantes que tinham como prato principal o que era pescado na região (baía de Sepetiba), principalmente robalo e camarão como relata o entrevistado NILSON “A questão dos restaurantes. Não foi a pesca atrelada aos restaurantes, foi os restaurantes atrelados à pesca. Sendo uma área de produção, foi um período de um boom aqui em Guaratiba, o camarão pulava na praia.” (depoimento de Nilson, Pedra de Guaratiba, 2015. Fonte: Nutemc-FFP-UERJ, 2016)

Nos anos 60 e 70 começaram a vir para Pedra de Guaratiba os veranistas. O bairro que possuía praias boas para se banhar e a lama que muitos acreditavam ter princípios medicinais, ainda tinha outros atrativos para chamar a atenção dos veranistas e também dos empresários, vou citar dois. O primeiro é que os restaurantes vinham surgindo pela abundância de peixes no local. O Segundo é que o local era considerado tranquilo e era localizado em área costeira (área que o veranista geralmente procura), tranquilidade que dificilmente se encontrava em outros bairros do município do Rio de Janeiro que já eram bem urbanizados, visto que esses veranistas eram, em grande parte, cariocas moradores de áreas urbanas. Pedra de Guaratiba também atraiu grupos como integrantes do movimento gay e integrantes do movimento hippie nos anos 70.

Ao ser perguntado sobre o que significa Pedra de Guaratiba para ele, seu Vavá respondeu da seguinte forma:

Para mim acabou a Pedra de Guaratiba. Quem viveu a Pedra naquela época e vive agora, não existe mas a Pedra. Agente andava daqui lá na Ponta Grossa pela beira da praia apanhando camarão, tarrafeando, brincando, jogando bola. Quer dizer, nós não tivemos mais isso. Você podia dormir no meio da praia à vontade, ninguém te pertuba, tinha praia mesmo, agente botava tudo ali na praia, deitava dormia e ninguém te incomodava. Tinha muitas canoas ali na beira da praia, acabou aquela alegria da gente. Então para mim a Pedra acabou. (Depoimento de seu Vavá em Pedra de Guaratiba, 2015. Fonte: NUTEMC-FFP-UERJ).

Pode-se entender através do relato de seu Vavá que ele não identifica o bairro de Pedra de Guaratiba de antigamente com o mesmo bairro dos dias atuais. O local onde se podia dormir na praia sem ninguém incomodar agora é um local onde circula mais gente e nisso modifica muito o cotidiano de quem estava mais acostumado com a tranquilidade.

Possivelmente a pesca artesanal também foi um atrativo para o turista. A colônia de pescadores Z14, as áreas de embarque e desembarque nas praias, as peixarias e os restaurantes que servem peixes e camarões são marcas que identificam a presença do pescador artesanal

no bairro, como mencionamos anteriormente, o pescador geralmente é visto como um sujeito que vive longe de lugares muito habitados, que vive em locais tranquilos. Então o atrativo de Pedra de Guaratiba para os turistas passou a ser “o local pacato onde moram os pescadores”.

O local que antes tinha poucas casas foi se tornando ponto turístico, passou a ser lugar onde surgiram restaurantes, pousadas e casas de veraneio.

A ligação de Pedra de Guaratiba com outras áreas da cidade do Rio de Janeiro não deu somente acesso de Pedra de Guaratiba para o resto da cidade, mas também abriu caminho para moradores de outras áreas da cidade terem acesso à Pedra de Guaratiba. Pedra de Guaratiba era um bairro tranquilo, e essa tranquilidade chamou a atenção de moradores de áreas da cidade que já eram muito urbanizadas.

Não foram somente acontecimentos em Pedra de Guaratiba que impactaram a vida do pescador artesanal do bairro. A baía de Sepetiba passou a ficar mais poluída depois da metade do século XX (época que a urbanização da zona Oeste do município do Rio de Janeiro acelerou muito), os rios que desaguam na baía de Sepetiba passaram a ficar cada vez mais poluídos, levando para a baía de Sepetiba lixo, esgoto e até metais pesados. Os metais pesados geralmente vem em grande parte das indústrias que se instalaram no entorno da baía de Sepetiba ou perto das margens dos rios que desaguam na baía de Sepetiba (algumas dessas indústrias estão identificadas como empreendimentos potencialmente poluidores na figura 12), conforme aconteceu na década de 1960 quando a companhia Ingá foi instalada na área da Ilha da Madeira em Itaguaí, ocorreu vazamento de resíduos líquidos possibilitando que os metais pesados desses resíduos chegassem até a baía de Sepetiba (EUZÊBIO e PAZ, 2014) .

Na figura 12 é possível observar a quantidade de localidades de pesca na Baía de Sepetiba (incluindo duas na área de Pedra de Guaratiba), assim como é possível observar também a localização e quantidade de associações de pescadores e de colônias de pescadores. A figura 12 ainda revela a localização e a quantidade de empreendimentos potencialmente poluidores no entorno da Baía de Sepetiba.

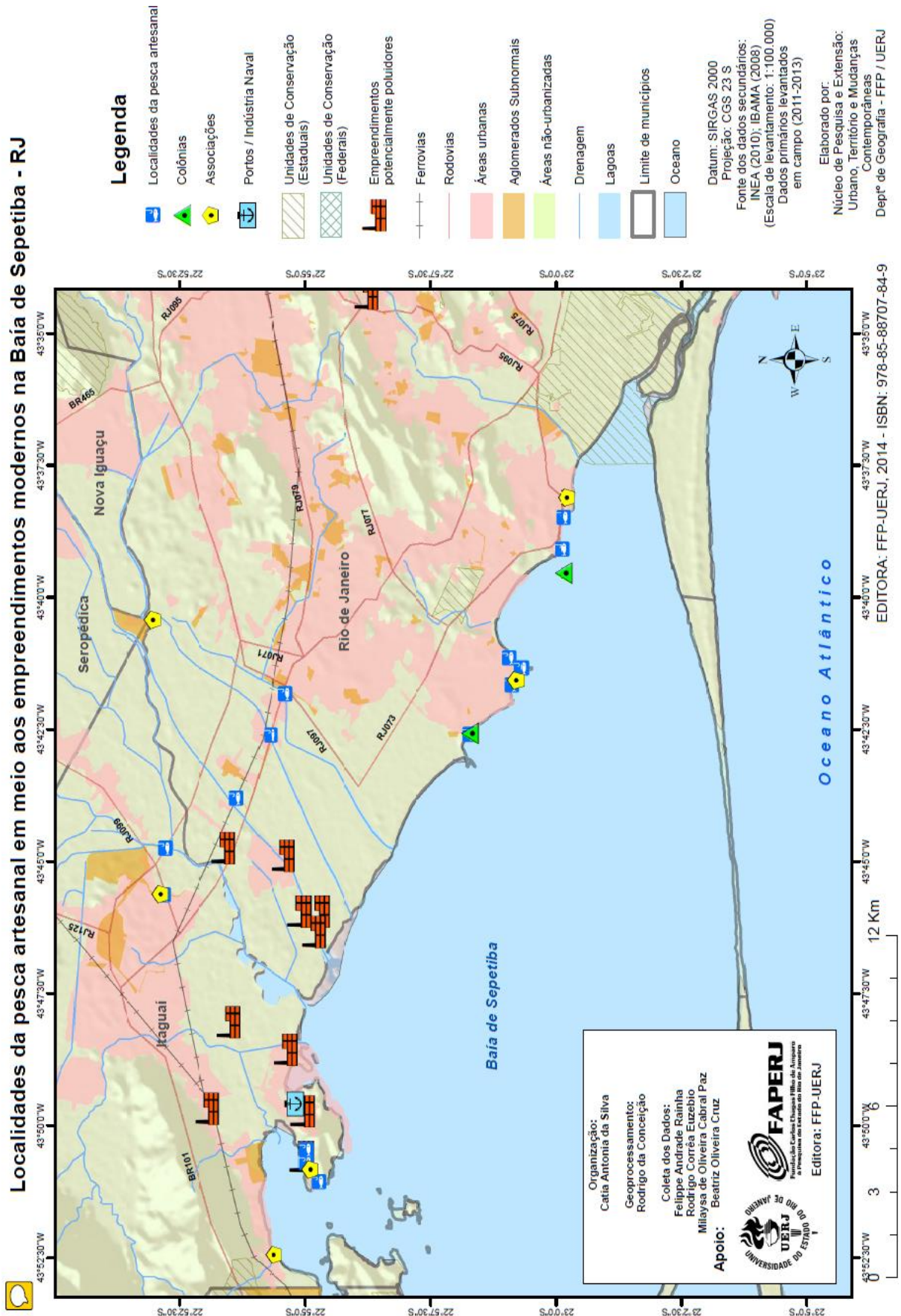


Figura 12 Localidades da pesca artesanal em meio aos empreendimentos modernos na baía de Sepetiba – RJ. Fonte: NUTEMC, 2014

Os impactos da modernização que foram sofridos pela baía de Sepetiba também foram sentidos pelos pescadores artesanais, tanto de Pedra de Guaratiba quanto de outras localidades que dependem das espécies que lá vivem. O lixo, o esgoto e os metais pesados põem em risco a saúde de pessoas e das espécies que vivem na baía de Sepetiba. O aumento da quantidade de esgoto em natura despejado na baía de Sepetiba além de contaminar as águas faz o assoreamento aumentar. Com o aumento do assoreamento aumenta também a temperatura da água da baía de Sepetiba, dificultando a vida de algumas espécies que estão acostumadas com uma certa temperatura. O assoreamento também dificulta a navegação, já que o pescador muitas vezes precisa esperar por muito tempo até a maré subir para sair ou para voltar.

Vendo tudo isso ocorrendo o pescador artesanal Ivo afirmou “Que aqui não tem mais nada, a cada dia que passa vai diminuindo, são várias espécies que praticamente estão extintas ou se extinguíram porque a casa está morrendo, a baía está morrendo. É o que acontece.” (Depoimento de Ivo, Pedra de Guaratiba, 2017. Fonte: NUTEMC-FFP-UERJ).

Observa-se que a pesca artesanal está em crise na baía de Sepetiba, é uma opinião comum aos 3 entrevistados em Pedra de Guaratiba, principalmente por eles terem presenciado uma época de fartura de peixes e hoje eles veem espécies sendo extintas e outras cada vez mais raras na baía de Sepetiba. Com isso, muitos pescadores se arriscam pescando fora da baía de Sepetiba, geralmente com embarcação inapropriada para locais onde as ondas são fortes e sem conhecer o local onde está indo pescar e sem conhecer os perigos do local dessa possível pesca.

3 Ilha do Governador e o olhar do pescador português

Na Ilha do Governador foi entrevistado o pescador Manoel. Manoel é português e em Portugal ele trabalhava na seca de bacalhau e quando veio para o Brasil se tornou pescador artesanal. Só foi possível entrevistar um pescador artesanal na Ilha do Governador. Mesmo sem muitos detalhes sobre as mudanças no cotidiano da profissão e do bairro, como nos relatos dos pescadores artesanais de Pedra de Guaratiba, foi possível captar parte do cotidiano da profissão e do bairro como as formas de venda do pescado e as técnicas utilizadas.

Antes de abordar a narrativa do pescador Manoel, será analisado primeiro as características e a história da Ilha do Governador.

3.1 Contextos urbanos da ilha do governador e sua relação com a cidade

A Ilha do Governador é uma região administrativa da zona norte do município do Rio de Janeiro que tem 15 bairros.

A Ilha do Governador teve outros nomes como Ilha de Paranapuã, Ilha do Mar, Ilha dos Maracajás, Ilha do Gato, Belle Isle e Ilha dos Sete Engenhos. A Ilha ganhou o nome de Ilha do Governador após Mem de Sá doar a maior parte das sesmarias da Ilha para Salvador Correia de Sá que foi governador do Rio de Janeiro.

Os primeiros habitantes da Ilha foram os índios Termiminós. Em 1570 Mem de Sá dividiu a Ilha em duas sesmarias, Salvador Correia de Sá passou a possuir a maior delas e começou a implantar o engenho de cana para produzir açúcar.

No século XVII, as duas sesmarias da Ilha do Governador foram divididas fazendo surgir algumas fazendas. Essas fazendas tinham criação de animais (como aves e porcos) e o cultivo de mandioca, milho e inhame. A produção de açúcar também cresceu nessa época. Com a chegada da família real portuguesa no Brasil no século XIX a Ilha do Governador passou a ser mais industrializada com a implantação da fábrica de cerâmica, da fábrica de formicida e da fábrica de tijolos e telhas. O adensamento populacional só começou após a década de 1930 quando se iniciou a circulação de bondes e de ônibus dentro da Ilha, pois

ainda não existia ligação rodoviária com o continente, o que limitaria uma expansão urbana ainda maior.

A Ilha do Governador hoje é uma região administrativa do município do Rio de Janeiro que engloba os seguintes bairros: Ribeira, Zumbi, Cacuia, Pitangueiras, Praia da Bandeira, Cocotá, Bancários, Freguesia, Jardim Guanabara, Jardim Carioca, Tauá, Moneró. Portuguesa, Galeão e Cidade Universitária (a Cidade Universitária corresponde à Ilha do Fundão). A população dessa área administrativa era de 211.469 em 2010 segundo o Instituto Pereira Passos (documento disponível em http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download/2360_Idosos%20-%20Um%20perfil%20estat%C3%ADstico%20da%20terceira%20idade%20no%20Rio%20de%20Janeiro.pdf).

O pescador artesanal entrevistado da área da Ilha do Governador é da área composta por bairros como Zumbi, Ribeira e Cacuia (Sudeste da Ilha do Governador) mas a pesca artesanal também existe em outras áreas da mesma ilha, como é possível observar na figura 15.

De acordo com a figura 15, existem 12 locais de pesca na Ilha do Governador e uma colônia de pescadores. A região da Ilha do Governador que mais concentra localidades de pesca é o Sudeste da ilha, assim como a única colônia de pescadores também está localizada nessa região da ilha. Por isso essa área da ilha do Governador que engloba bairros como Zumbi, Ribeira e Cacuia tem muita importância em relação à pesca.

O pescador entrevista na Ilha do Governador é reside no bairro do Zumbi, por isso faço uma breve descrição do bairro.

Há pelo menos duas versões para a origem do nome do bairro Zumbi. Uma das versões diz que o bairro teve origem no termo indígena “tumby” que significa “as cadeiras” ou “as ancas femininas”, por causa do formato da praia. Outra versão diz que esse nome era devido a uma assombração que os escravos diziam estar rondando aquela área, “zumbi” significaria assombração em yorubá. O bairro Zumbi se localiza no Sudeste Ilha do Governador e tem 2016 habitantes (em 2010).

3.2 Manoel, o português que se tornou pescador no Brasil

Na Ilha do Governador foi entrevistado o pescador Manoel. Manoel é português, em 2017 está com 82 anos de idade e vive numa casa agradável na Ilha do Governador. Em

Portugal, na cidade de Aveiros, ele trabalhou na seca e na salga de bacalhau e quando veio para o Brasil se tornou um pescador artesanal. Quando ele estava em Portugal, Manoel ficava sabendo através de outros portugueses da região onde ele morava que no Brasil tinha como ganhar dinheiro, que tinha como sobreviver no Brasil. Aqueles portugueses conhecidos de Manoel que já tinham se estabelecido no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, indicavam a pesca como profissão para ele se estabelecer no país. Os portugueses que indicavam a profissão de pescador para Manoel diziam estar ganhando dinheiro com a profissão e Manoel, que estava numa região onde, segundo ele, não tinha trabalho e os salários eram baixos. Então veio para o Rio de Janeiro. Ao descrever sua ida ao Brasil, Manoel relatou “Aqui no Brasil, a minha sorte foi... eu comecei a pescar aqui, trabalhava muito lá em Portugal, trabalhava na seca de bacalhau. A minha sorte foi começar aqui a pescar porque os salários eram baixos e tinha pouco.”

Chegando ao Brasil, Manoel foi para o bairro do Caju no Rio de Janeiro. O bairro do Caju tinha muitos portugueses trabalhando na pesca, e alguns desses contavam para seus conhecidos em Portugal que estavam relativamente bem financeiramente exercendo a profissão de pescador no Caju. Nesse bairro Manoel aprendeu a nadar e a pescar o camarão. Segundo ele, a pesca de camarão era muito boa com isso ele conseguiu pagar o dinheiro da viagem que pegou emprestado e pagar sua embarcação. Manoel chegou ao Brasil em 1953 e nessa época os pescadores encontravam uma grande fartura de camarões na baía de Guanabara.

Poucos anos depois de chegar no bairro do Caju Manoel se mudou para a Ilha do Governador, mais especificamente para a colônia de pescadores Z1. Para Manoel a Ilha do Governador era um lugar para viver melhor por ser um lugar com poucas casas. Segundo ele, no Caju toda rua tinha uma casa e na Ilha do Governador não. A primeira ponte rodoviária que fez a ligação da Ilha do Governador com a parte continental da cidade foi inaugurada no ano 1949 e quando Manoel chegou na Ilha do Governador nos anos 50 a Ilha ainda preservava o aspecto de local tranquilo, principalmente a região onde se localizava a colônia de pescadores Z1 (atualmente conhecida como Z10) que fica no Sudeste da Ilha, numa das regiões da Ilha do governador mais afastadas da ponte mencionada. Outra coisa que seguiu a construção de uma grande quantidade de casas na colônia Z1 foi o fato do terreno da colônia ainda pertencer à Marinha do Brasil, por isso ainda restou uma grande área verde em volta do terreno da Marinha. Desde 1993, essa grande área verde próxima à colônia de pescadores Z-10 (que podemos observar na figura 13) é uma Área de proteção ambiental e recuperação

urbana, conhecida como APARU do Jequiá (FERREIRA, 2015). No início do século XX existiam bondes na Ilha do Governador e uma ligação hidroviária com a parte continental da cidade, mas a urbanização era mais limitada.

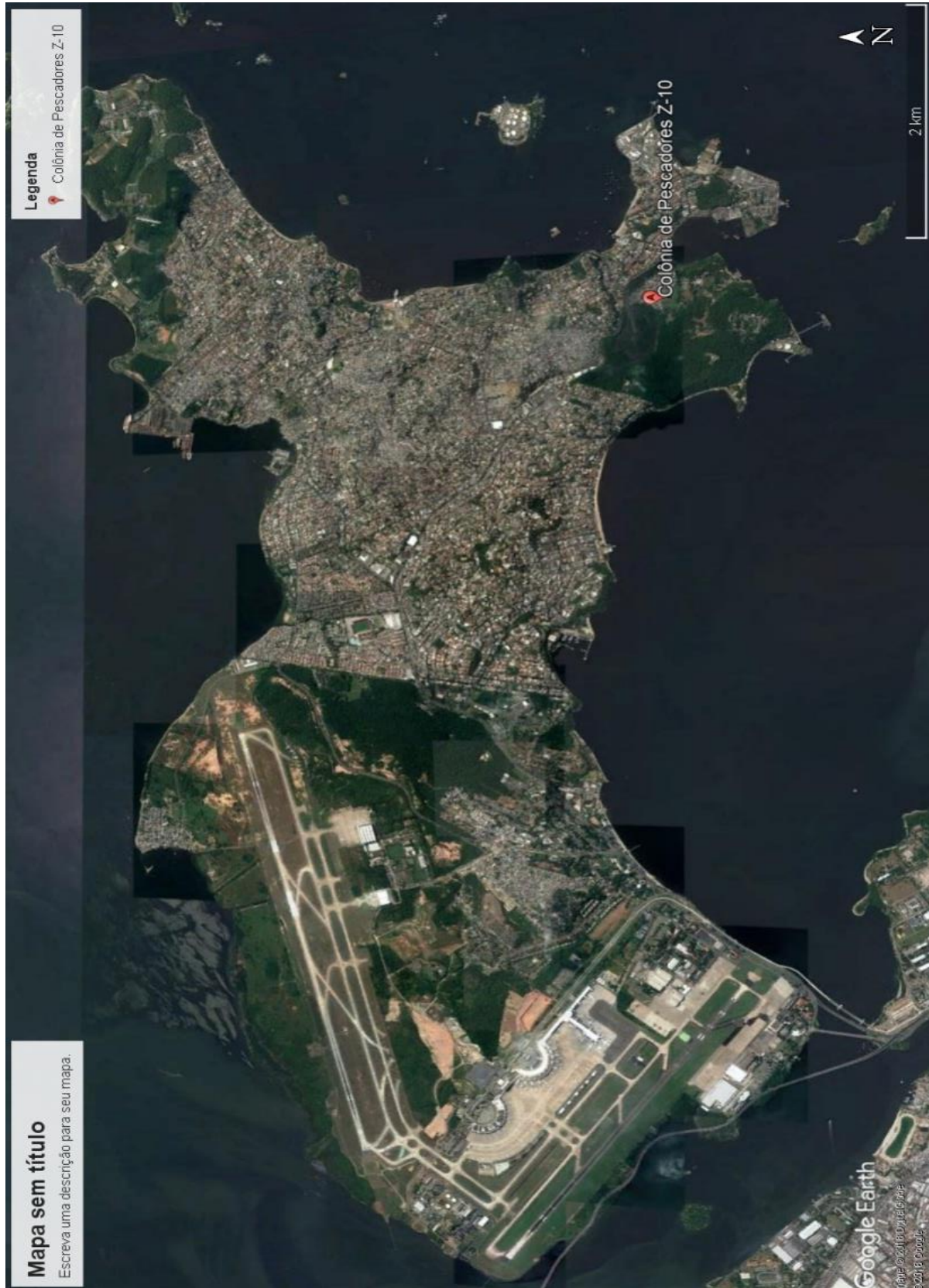


Figura 13 Foto de satélite da Ilha do Governador indicando a localização da colônia de pescadores Z10 próxima a uma grande área verde. Fonte: Google, 2018

Na figura 14 temos a foto de pescadores da colônia Z1, numa localidade próxima a colônia. Na figura temos uma área escrita que informa que a colônia Z1 recebeu pescadores oriundos de outras áreas como Itaipu e Caju. O pescador entrevistado na Ilha do Governador foi um dos pescadores que foram do Caju para a colônia Z1.



Colônia Z1 - 1934

A Colônia de Pescadores Almirante Gomes Pereira, está localizada oficialmente no bairro do Cacua, na Ilha do Governador, embora alguns moradores a ela se referem como estivesse situada no Zumbi .
De propriedade da União, a área da Colônia foi cedida pela Marinha do Brasil em 1920 para legalizar um núcleo de pesca artesanal já existente na localidade e acabou por abrigar pescadores oriundos de outras áreas, tais como Itaipu e Caju ,por ocasião da fundação da primeira Colônia de Pescadores do Brasil, na época Z-1, atual Z-10.
A Colônia nasceu como concentradora de pescadores, mas hoje já atrai outros moradores tanto devido ao seu sossego e tranquilidade quanto pelo afrouxamento do seu controle populacional após a saída da Marinha, embora os novos moradores se moldem e se rendam a algumas das características locais .
As fotos originalmente publicadas no "Terra Fotolog" estão disponíveis em :
<http://fotoclone.in/ilhadogovernador>

Figura 14 Colônia Z1 em 1934 e pescadores artesanais da colônia Z1 em 1934. Fonte: <http://fotoclone.in/ilhadogovernador>

A colônia onde Manoel foi morar era a colônia Z1 (atualmente colônia Z10). A colônia de pescadores Z1 foi a primeira colônia de pescadores do Brasil. O lugar onde construíram a colônia foi cedido pela Marinha do Brasil em 1920, na década de 1990 passou a pertencer à prefeitura do Município do Rio de Janeiro. A colônia de pescadores foi fundada para legalizar o núcleo de pesca já existente nas áreas do Zumbi e de Ribeira na Ilha do Governador e acabou servindo para abrigar pescadores de Niterói e da área do Caju (local onde morava Manoel antes de se mudar para a colônia Z1 na Ilha do Governador). Assim como a colônia de pescadores de Pedra de Guaratiba, a colônia Z1 foi fundada pela marinha.

É bom lembrar que os pescadores e a marinha do Brasil tem uma ligação antiga. Os pescadores ajudavam na fiscalização do Oceano, eram membros não oficiais da Marinha. Os pescadores eram parte de uma ação do Estado onde eles passaram a fazer parte da fiscalização do território marítimo do Brasil.

Sobre as formas de venda do que ele pescava, Manoel mencionou que fazia uma parceria com pessoas que vendiam de porta em porta, eles vendiam o camarão que ele pescava e depois pagavam para Manoel. Era uma relação que exigia confiança.

Manoel mencionou também que ele foi o primeiro a aplicar a técnica das portas, que funciona como uma âncora atrelada a uma corda de 100 ou 150 metros. Ele mencionou que foi o primeiro a pescar na localidade utilizando essa técnica mas também disse que a técnica já era usada em Portugal. Não é possível garantir que a técnica em questão é de origem portuguesa já que existe uma interação entre Portugal e suas antigas colônias em vários continentes, então ela pode ter origem em qualquer continente e pode ter sido assimilada pelos portugueses.

Na Ilha do Governador as dificuldades impostas aos pescadores hoje em dia são muito grandes, conforme relatam os fóruns em defesa dos pescadores da baía de Guanabara. Dado o grande grau de poluição na baía de Guanabara, alguns movimentos de defesa da baía de Guanabara foram surgindo como o movimento Baía Viva (criado na década de 1990) e o Fórum dos Atingidos pela Indústria do Petróleo e Petroquímica nas cercanias da Baía de Guanabara (instituído em Abril de 2012). Sobre a poluição da baía de Guanabara, um dos membros mais atuantes do fórum dos atingidos pela indústria do petróleo das cercanias da baía de Guanabara, Sebastião Raulino, afirmou em entrevista ao site Brasil de Fato.

Ao longo do tempo, nós percebemos a diminuição da qualidade dos rios que deságuam na Baía de Guanabara, causando sua degradação, o que veio a afetar progressivamente a qualidade da água da própria Baía e, conseqüentemente, da fauna e flora. Manguezais, praias, lagoas foram sendo paulatinamente destruídos. Acompanhando esse processo, assistimos um quadro desolador criado em relação às populações tradicionais da Baía de Guanabara (disponível em <https://www.brasildefato.com.br/node/31959/> visitado em 03/2018).

O esgoto despejado na baía de Guanabara (A baía de Guanabara recebe a maior parte do esgoto da Região Metropolitana do Rio de Janeiro) dificulta a vida de algumas espécies aquáticas e a grande quantidade de lixo pode atrapalhar a navegação e a pesca. Outro fator dificultador é a grande quantidade de embarcações de grande porte na baía de Guanabara (as embarcações dos pescadores geralmente não podem trafegar no mesmo espaço onde trafegam as grandes embarcações) que restringe as áreas de pesca.

Em suma, são vários fatores que dificultam a vida dos animais aquáticos da Baía de Guanabara trazendo poluição como: O esgoto despejado sem tratamento, refinarias, portos, estaleiros e a circulação de embarcações de grande porte.

Somente na Ilha do Governador existem (de acordo com a Figura 15) 12 localidades de pesca, duas associações de pescadores e uma colônia de pescadores. A figura 15 dá a noção, observando a quantidade de locais de pesca, de quanto a Baía de Guanabara é importante para a pesca artesanal

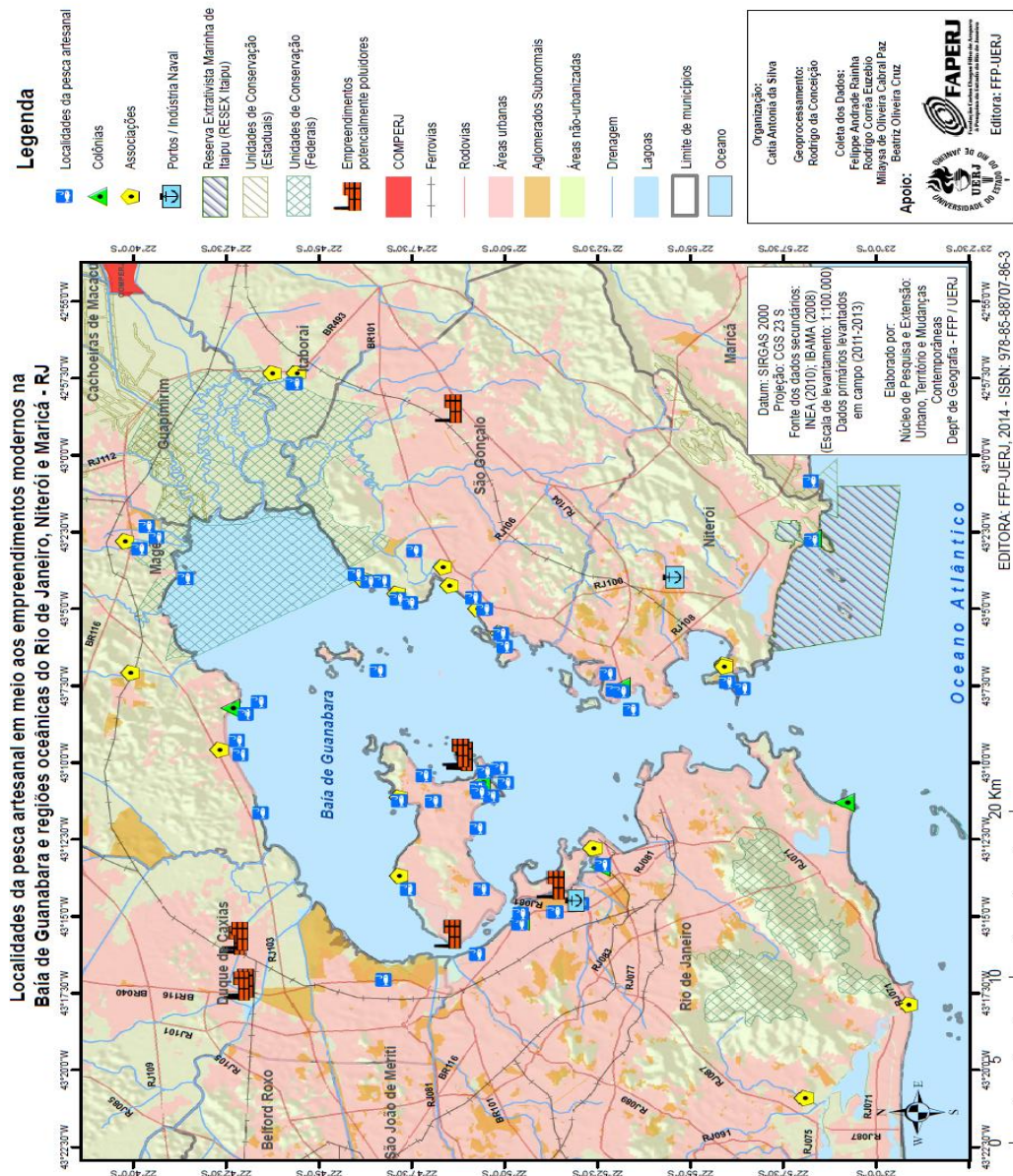


Figura 15 Localidades de pesca artesanal em meio aos empreendimentos modernos na baía de Guanabara (fonte: NUTEMC)

O pescador entrevistado Manoel se aposentou nos anos de 1980 e não presenciou esse grande aumento da poluição, por isso não sofreu tanto com os problemas mencionados que foram tomando proporções maiores com o passar do tempo mas Manoel chegou a trabalhar em navio petroleiro e nos anos de 1970 ele trabalhou na construção da ponte Rio-Niterói e ajudou na instalação dessas redes técnicas e dessas instalações de petroquímica (transportando pessoas em sua embarcação nas duas ocasiões). A atividade pesqueira ficou em segundo plano nessa época para ele, resultado das dificuldades que começavam a atrapalhar a vida do pescador artesanal.

Hoje a Ilha do Governador possui várias áreas de pesca (como é apontado na figura 15), segundo nosso entrevistado Manoel, ele costumava pescar em toda baía de Guanabara. Então é bem possível que vários pescadores da Ilha do Governador costumavam pescar em toda a baía de Guanabara.

O uso da baía de Guanabara foi mudando com o passar do tempo. As pequenas embarcações dos pescadores artesanais tiveram seu espaço cada vez mais limitado por causa do aumento do tráfego de grandes embarcações na baía de Guanabara. E a quantidade de peixes foi diminuindo por causa da poluição.

Considerações finais

Pode-se dizer que não foi possível extrair tudo o que se esperava das entrevistas, os objetivos iniciais da pesquisa que propiciou este presente trabalho de monografia não foram totalmente alcançados mas isso era previsto. As entrevistas são com pessoas reais que podem possuir suas subjetividades, seus relatos podem não ser totalmente precisos e também pode não ser como se esperava no início da pesquisa.

O diálogo entre a Geografia e a História foi muito importante para este presente trabalho pois foi essencial para a compreensão das mudanças no cotidiano do pescador. Os bairros e as cidades não estáticas possuem sua dinâmica que podem ser modificadas conforme o tempo passa. E todo fato histórico ocorre em algum lugar, é por ocasião das experiências vividas que fora introduzida a noção de lugar de memória. (RICOEUR, 2007)

Os trabalhos de campo foram essenciais para este presente trabalho. Além de ser o bairro ou a localidade onde encontramos os selecionados para as entrevistas, esses locais e suas características naturais são determinantes para a profissão do pescador artesanal. Por isso observar as características do bairro e suas dinâmicas foi muito importante.

Em Pedra de Guaratiba, com os relatos dos pescadores artesanais de Pedra de Guaratiba foi que há uma grande diferença entre o sentimento sobre a pesca artesanal até a década de 1970 e o sentimento sobre a pesca nos dias de hoje. Segundo os relatos, antes existia uma abundância de peixes na baía de Sepetiba e nos dias de hoje se vê uma grande diminuição da quantidade de peixes na baía de Sepetiba e o aumento da poluição no local.

Na Ilha do Governador os relatos do Pescador artesanal abordaram o cotidiano da profissão, mas com um foco maior na diáspora do pescador em questão que nasceu em Portugal e veio para o Brasil, se tornando pescador apenas quando chegou ao novo país.

Com os relatos dos pescadores artesanais entrevistados na Ilha do Governador e em Pedra de Guaratiba fica possível notar que com o passar do tempo vem ficando cada vez mais difícil exercer a profissão. Na época os pescadores artesanais entrevistados começaram a exercer sua profissão existia uma fartura de peixes e de camarão na baía de Guanabara e na baía de Sepetiba e hoje eles observam as dificuldades cada vez maiores para o exercício de sua profissão. Não é surpresa que alguns deles vejam a pesca artesanal atualmente com um certo pessimismo mas mesmo assim a pesca artesanal ainda resiste a todas as dificuldades.

O período após a década de 1940 foi marcante para os pescadores tanto de Pedra de Guaratiba como da ilha do Governador, assim como em praticamente todo o Brasil, esses período marcou grandes mudanças. Assim, foi possível captar alguns processos que ocorreram e afetaram como a vida de pelo menos um dos entrevistados como a construção da Ponte Rio-Niterói e o aparecimento dos restaurantes em Pedra de Guaratiba. Esses processos estão indiretamente ou diretamente ligados, fazendo parte da introdução de uma nova dinâmica no município do Rio de Janeiro.

Referências bibliográficas

BARROS, Sandra A. L. A escala bairro e o conceito de lugar urbano: o caso de apipucos e poço da panela no Recife. Revista de PGFAU-USP, n. 15, 2004.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano.1. Artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 2009.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. 2. Morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 2011

DIEGUES, Antonio Carlos Santana. O mito moderno da natureza intocada. 3ª edição. São Paulo: editora Hucitec, 2001.

HAESBAERT DA COSTA, Rogério. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 2ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2006.

EUZEBIO, Rodrigo Corrêa e PAZ, Milaysa de Oliveira Cabral. Modernização na Ilha da Madeira: Efeitos da ação estratégica na vida dos pescadores artesanais. In: SILVA, Catia Antonia et al. Pesca artesanal e produção do espaço: desafios para a reflexão geográfica. Rio de Janeiro: Consequencia, 2014. P. 153-171.

FERREIRA, Jamylle de Almeida. A produção social da comunidade de Jequiá In: SILVA, Catia Antonia et al. Pesca artesanal e produção do espaço: desafios para a reflexão geográfica. Rio de Janeiro: Consequencia, 2014. P. 113-138.

FERREIRA, Jamylle de Almeida. Controle do território, identidade e existência: a histórica relação de poder sobre a Colônia de Pescadores Almirante Gomes Pereira- Ilha do Governador- RJ: Rio de Janeiro, 2013.

HASBAERT, Rogerio. O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HASBAERT, Rogerio e LIMONAD, Ester. O território em tempos de globalização, 2007.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.

RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. Tradução de Maria Cecília França. Editora Ática S.A. 1993.

RAINHA, Felipe Andrade. Morar e trabalhar: a pesca artesanal e o seu elo com o lugar. São Gonçalo, 2015.

RESENDE, Alberto Toledo. A origem da institucionalidade da pesca artesanal. In: SILVA, Catia Antonia et al. Pesca artesanal e produção do espaço: desafios para a reflexão geográfica. Rio de Janeiro: Consequencia, 2014. P. 43-66.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas SP: Editora da Unicamp, 2007.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1).

SANTOS, Milton. A Urbanização brasileira. São Paulo: HUCITEC, 1993.

SANTOS, Milton. Técnica, espaço, tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: HUCITEC, 1994.

SILVA, Catia Antonia da. Economia da pesca artesanal na metrópole do Rio de Janeiro. In. SILVA, Catia Antonia et al. Pesca artesanal e produção do espaço: desafios para a reflexão geográfica. Rio de Janeiro: Consequencia, 2014.

SILVA, Catia Antonia da. Elementos epistemológicos para uma geografia das existências In. SILVA, Catia Antonia et al. Pesca artesanal e produção do espaço: desafios para a reflexão geográfica. Rio de Janeiro: Consequencia, 2014.

SOUZA, Marcelo José L.. O território: sobre espaço, poder, autonomia e desenvolvimento. In: Castro et al. (orgs.) Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

ZIM. Aline Stefânia. O CONTO E O BAIRRO COMO UNIDADES NARRATIVAS URBANAS. ANAIS XIV ABRALIC: Belém, 29 de junho a 3 de julho de 2015.

<https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2015/08/rio-450-anos-bairros-rio-regiao-guaratiba>

<https://exame.abril.com.br/economia/bndes-concede-r-34-3-milhoes-para-fomento-da-aquicultura/> visitado dia 02/10/2017.

http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/main_bairro.asp?area=153 visitado dia 02/10/2017.

[http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download/2360 Idosos%20-%20Um%20perfil%20estat%C3%ADstico%20da%20terceira%20idade%20no%20Rio%20de%20Janeiro.pdf](http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download/2360%20Idosos%20-%20Um%20perfil%20estat%C3%ADstico%20da%20terceira%20idade%20no%20Rio%20de%20Janeiro.pdf) visitado em 03/2018.

<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/905-ilha-do-governador-se-destaca-na-historia-do-rio> visitado dia 26/03/2018

.
<http://www.rio.rj.gov.br/web/cvl/ra> visitado em 03/2018

<http://www.sna.agr.br/fao-aquicultura-podera-superar-pesca-extrativa-ja-em-2019/> Visitado dia 26/03/2018.